

O texto eletrônico e os gêneros do discurso

Antonio Carlos Xavier*
Carmi Ferraz Santos**

Resumo

Este estudo coloca em discussão questões relativas à natureza textual/discursiva do hipertexto, produto lingüístico das novas tecnologias de comunicação.



Introdução

As novas tecnologias intelectuais têm gerado múltiplas e heterogêneas práticas sócio-culturais, que são institucionalizadas, articuladas e disseminadas, no *devir* da história, pela linguagem. O REVOLUÇÃO DIGITAL, considerada por alguns

* Prof. do Depto de Letras da UFPE e doutorando em Lingüística - IEL/UNICAMP).

** Doutoranda em Lingüística Aplicada - IEL/UNICAMP.

historiadores da ciência como a Terceira Revolução Industrial, implementada nesta última década de milênio parece promover mais uma grande modificação também nas formas de comunicação humana, tais como o fizeram a invenção da escrita alfabética e a imprensa de Gutenberg.

À reboque, a Revolução Digital trouxe, **A Sociedade da Informação**, cuja característica fundamental consiste na digitalização das informações que se dão através de um texto construído eletronicamente - o **HIPERTEXTO**. Este por sua vez, entre outras propriedades, é capaz de viabilizar a integração e fusão das duas modalidades de uso da língua (oral e escrita) em uma mesma superfície verbo-visual-auditiva de forma ubíqua e simultânea. Assim, derivado das formas de 'textualização' anteriores, o texto eletrônico parece reconfigurar os gêneros textuais/discursivos pelos quais a fala e escrita se materializam.

1. Seria o Hipertexto um Gênero Terciário do Discurso?

Mikhail Bakhtin (1997:279) afirma que a língua se relaciona às mais diferentes esferas da vida humana nas mais variadas situações de uso, para as quais haveria uma forma sócio-culturalmente elaborada de utilizar os diversos tipos de textos em qualquer das modalidades da língua. Ele define os *Gêneros do Discurso* como "enunciados relativamente estáveis compostos indissolúvelmente por três elementos" fundamentais, que são: *conteúdo temático, estilo e construção composicional*.

Por serem naturalmente heterogêneos e perpassarem a riqueza das atividades humanas, é difícil demarcar com precisão os traços comuns a todos os gêneros. Para Bakhtin, à medida que as esferas da vida se desenvolvem e se complexificam, os gêneros também sofrem modificações.

Na mesma perspectiva, Gülich (*apud* Marcuschi 1996), afirma ser o gênero uma designação vaga e aberta para nomear qualquer forma textual caracterizada por propriedades que não se aplicam a todos os textos. Em outras palavras, gênero seria uma identificação empírica, mas não necessariamente a identificação de um evento. Os usuários da língua normalmente se apoiam em traços gerais dos gêneros, adquiridos intuitivamente para utilizá-los, já que apresentam um alto grau de estereotipia. Há uma espécie de saber social comum através do qual as pessoas se orientam para escolher e produzir determinado gênero e não outro em cada contexto de comunicação. Os gêneros seriam, então, normalmente selecionados com base nos objetivos dos interlocutores e na natureza do tópico tratado, sendo,

portanto, uma questão muito mais de *uso* que de *forma*, de acordo com Gülich.

Bakhtin distingue os gêneros do discurso em basicamente dois, *Primários* e *Secundários*, de acordo com a sua essência de realização. *Primários* são os gêneros *simples*, constituídos “em circunstâncias de comunicação verbal espontânea ou em *situação imediata* com a realidade existente e com a realidade dos enunciados alheios” (p.289).

Já os gêneros *Secundários* do discurso “aparecem em circunstâncias de uma comunicação cultural, *mais complexa* e relativamente mais evoluída.” São produtos de um processo histórico de formação, através do qual os gêneros primários são *absorvidos e transmutados*. Desta forma teria gerado a uma série de gêneros discursivos, inclusive inserindo e reinterpretando os gêneros primários dentro de sua própria estrutura, assim como o romance literário, por exemplo, introduziu o estilo conversacional em seu escopo.

Tal como a escrita reorganizou as funções sócio-comunicativas da fala e, conseqüentemente, permitiu a emergência de vários outros gêneros do discurso inexistentes até então, sem negar, anular ou substituir os gêneros anteriores, parece-me razoável conjecturar que: *as novas tecnologias de comunicação, especificamente a Hipermídia e o seu produto lingüístico mais significativo, o Hipertexto, possibilitam o surgimento de gêneros textuais/discursivos híbridos, isto é, que fundem gêneros primários e secundários entre si num mesmo suporte físico, cujo resultado é um gênero do discurso de terceira ordem, que, na esteira da classificação bakhtiniana, se poderia denominar de GÊNERO TERCIÁRIO DO DISCURSO.*

2. Quais seriam as principais **Operações Modificadoras** efetuadas pelo Hipertexto sobre os gêneros do discurso dos quais derivou?

O Hipertexto se forma e se constitui inegavelmente a partir dos traços característicos dos gêneros anteriores, especialmente dos secundários. Sendo assim, pode-se observar que o Hipertexto tende a promover, pelo menos, três operações modificadoras nos gêneros do discurso, que são:

- a) **a reconfiguração das formatações tradicionais da escrita,**
- b) **a superposição de sistemas semióticos e, por último,**
- c) **a complexificação das funções sócio-comunicativas dos gêneros anteriores.**

Como, então, operam tais agentes modificadores do discurso?

2.1.Reconfiguração das Formatações Tradicionais da Escrita

Além de utilizar a formatação tradicional do texto escrito, tais como: a divisão em parágrafos, seções, capítulos e obedecer à divisão e seqüenciação das palavras e sentenças, à exigência dos sinais diacríticos e a necessidade de pontuação em seu emprego convencional, o texto eletrônico subverte esses elementos e reaproveita-os, reconfigurando-os de uma outra maneira, resignificando-os diferentemente.

Isto é perceptível através da introdução dos “*emoticons*”¹ nos Hipertextos produzidos durante as interações pelo computador em *salas de bate-papo, e-mails, fóruns eletrônicos*. Ou seja, são ícones que traduzem as emoções (*emotional icons*) do enunciador diante do enunciatário.

Esta técnica criada *consuetudinariamente* pelos usuários do Hipertexto na Internet busca suprir a ausência do acesso ao tom de voz, gestos e expressões faciais dos interlocutores próprias das interações face-a-face. Este também foi um problema enfrentado pela escrita alfabética, quando da sua invenção, que foi, ao longo da sua história, parcamente resolvido pela convencionalização dos sinais de pontuação.

Além dos “*emoticons*”, os usuários da rede hipertextual construíram coletivamente outras maneiras de demonstrar estados emocionais, tais como:

- a) escrever palavras em letras MAIÚSCULAS geralmente para indicar um grito do enunciador ou que ele estaria *falando alto*.
- b) usar o *sinal gráfico asterisco (*)* como forma diferenciada de *ênfatizar* uma determinada palavra ou frase. Antes, o asterisco só era empregado para fazer remissão a uma nota de rodapé, fim de capítulo ou de volume, ou ainda para indicar separação de períodos.

Assim, a necessidade aliada à imaginação fizeram com que os usuários jogassem com os *topogramas* já existentes e bastante conhecidos sócio-culturalmente, a fim de solucionar uma dificuldade concreta em situação de telecomunicação e criassem tais “*engenhocas*” icônicas substitutivas dos elementos paralingüísticos.

1 *Emoticons* - uma espécie de “*carinha*”, cuja melhor visualização ocorre quando se inclina a cabeça para a esquerda. Os mais usados na Internet são:
:* beijinho; :* beiber pouco; #-) beber muito; :’-(chorando; :-0 chocado; :-l com sono;
:~/ confuso; :-S contradizer; 8-) de óculos; :- (= dentuço; :-e desiludido; :-@ gritando;
>:-(irado; :-7 irônico; :-! Fumar; :- homem; :-9 lamber os lábios
>- mulher; :-p mostrar língua; :-& ofendido; \~/ oferecer um drink; ### prestar socorro;
;-) piscar os olhos; :-) rir; :-)) rir muito; :-l sério; >:-> sorrir com malícia;
0:-) sorrir feliz; :-<) ter bigode; :- (triste; @>— uma rosa;

2.2. Superposição de Sistemas Semióticos

Sabe-se que, do ponto de vista físico, a escrita diferencia-se da fala por ser aquela de natureza essencialmente visual, enquanto esta basicamente auditiva. Sendo de natureza *híbrida*, isto é, capaz de mesclar elementos da oralidade com os da escrita, o texto eletrônico permite também que outras formas semióticas lhe sejam adicionadas tais como as *imagens animadas e efeitos sonoros* outros e não apenas os da voz humana.

Esta confluência de estruturas sígnicas agregadas a um mesmo aparato eletrônico torna o *Hipertexto uma possibilidade comunicacional plural, dinâmica e muito mais envolvente, ainda que à distância*, já que os usuários passam a ter acesso a mais de uma forma de linguagem ao longo da interação.

Os gêneros hipertextuais instauram uma nova arquitetura lingüística que reorganiza os elementos verbais, visuais e auditivos, fazendo-os ocupar um espaço específico e relevante dentro da *montagem* geral desta reconfiguração semiótica.

Editadas todas em um mesmo espaço de leitura – tela digital – as diversas linguagens ‘*clipadas, bricoladas*’ umas as outras ganham um efeito de significação extremamente rico, profundamente abundante de recursos perceptuais que quando acessados isoladamente um a um, pois os interpretantes hipertextuais – passam a dispor de não apenas uma linguagem, mas de *várias* operando conjuntamente e concorrendo simultaneamente para construção do sentido proposto pelo produtor do gênero hipertextual.

Imersa neste universo de múltiplas manifestações, a *experiência lingüístico-cognitiva do enunciatário torna-se bem mais farta e potencialmente mais completa* em relação à dos gêneros secundários, uma vez que o universo sensorial mobilizado pelo enunciador, no Hipertexto, para produzir o seu discurso ultrapassa o nível do sistema alfabético da escrita e atinge os sistemas pictórico e auditivo.

Esta superposição dos sistemas semióticos efetuados pelo/no Hipertexto não chega a modificar radicalmente tais sistemas sígnicos em si; não é esta a pretensão. Busca-se, antes, justapô-los lado a lado conservando a funcionalidade original de cada um, todavia condensada e redirecionada para atuar cooperativamente, e não mais solitariamente, como fonte única e total de sentido². Não há substituição ou apagamento de qualquer um dos sistemas semióticos. Pelo contrário, há adição, soma, acréscimo deles.

O que ocorre, na verdade, é uma tentativa bem sucedida de fazer *convergir* para um mesmo lugar sistemas diferentes de linguagem e, com isso, permitir o acesso do interpretante ao sentido de um modo

2 Cabe-me aqui salientar que não estou com isto querendo dizer que o sentido construído no Hipertexto tende a ser uniforme ou único, até porque defender esta posição seria ignorar a grande complexidade que envolve o processo de compreensão. Todavia, o ajuntamento de sistemas de linguagem aumentaria a quantidade de pistas inferenciais verbais e não-verbais no quadro enunciativo geral proposto pelo enunciador.

mais global, tal como ocorre com a fala, cuja sobreposição de elementos verbais, paraverbais (tom de voz, ritmo, entoação) e não-verbais (gestos, olhares), dentro de um ambiente espontâneo de realização, dão aos interlocutores a condição ideal para a interação social efetiva.

Certamente, em cada um dos gêneros hipertextuais haverá uma tendência ao predomínio de um dos sistemas sígnicos. Constatase na prática linguageira das *salas de bate-papo*, os chamados *chats*, o emprego intenso de *emoticons* e figuras, algumas delas até com recurso de animação, a fim de se obter um *ritmo conversacional* mais próximo do diálogo cotidiano. O mesmo já não ocorre com os *Fóruns Virtuais* e com os *E-mails* nos quais se usam menos expressões indicadoras de emoção, poucas figuras e mais enunciados verbais.

2.3. Complexificação das Funções Sócio-Interativas dos Gêneros Anteriores

Uma vez retrabalhados e reaproveitados diferentemente, os elementos da escrita e de outras linguagens não-verbais, o gênero terciário de natureza hipertextual *mistura* várias funções sócio-comunicativas dos diversos gêneros discursivos ligados à fala e à escrita.

Certas ações de linguagem já prefiguradas em determinados gêneros secundários e/ou primários, que lançam sobre os interlocutores determinados horizontes de expectativas, são *reemolduradas* em um novo espaço de enunciação, que faculta ao seu produtor o uso de algumas formatações lingüístico-rituais e estruturas estilísticas próprias de cada gênero, colocando-o na fronteira com outros gêneros com os quais mantém alguma relação de similaridade.

Este fenômeno é o que parece acontecer no Correio-Eletrônico que, ao contrário de ser apenas um suporte digital para envio e recepção instantânea de mensagens (em forma de arquivos eletrônicos diversos: textos, imagens, programas, etc.), apresenta traços muito semelhantes a diversos outros gêneros secundários do discurso, tais como bilhete, aviso, telegrama, convite, carta entre amigos, etc., os quais portam mensagens de pequena extensão com estruturas lingüísticas menores e mais 'simples'.

Paradoxalmente, o mesmo *E-mail* comporta também, e não só anexadamente, textos extensos e mais juridicamente comprometedores, como contratos, minutas, processos cívís e criminais, artigos (jornalísticos e científicos), inquéritos, atas, balancetes, entre outros de estruturas composicionais maiores e mais

3 Deve ficar claro aqui que não considero a extensão do texto, a quantidade de palavras ou o volume físico do discurso como critérios para avaliar o grau de complexidade da sua estrutura. A idéia é fazer o leitor visualizar agrupadamente os gêneros que demandam mais elaboração, mais ritualização e rigor estrutural de um lado, e de outro, aqueles gêneros secundários menos cerimoniosos e, por isso, de formatação mais aberta e flexível.

‘elaboradas’³.

Isto, na realidade, aponta para a *versatilidade* e, conseqüentemente, para a grande complexidade deste que seria, *a priori*, apenas mais um suporte de mensagens, mas que, na prática, vem se configurando como espaço múltiplo de enunciações possíveis dentro da vasta constelação de gêneros discursivos que ele acomoda e viabiliza, conforme as necessidades comunicativas dos usuários.

O *Fórum Eletrônico*, no entanto, é um gênero terciário que guarda mais semelhanças com os gêneros primários por serem constituídos basicamente por marcas da oralidade tanto na forma composicional como no tempo de execução, embora a sua concretização se dê pela escrita. Períodos simples e curtos, frases truncadas, preferência por construções verbais na voz ativa, menor densidade informacional, marcas de envolvimento, presença de marcadores conversacionais, entre outras características da oralidade costumam aparecer muito nos fóruns virtuais.

Além disso, ele é geralmente produzido no calor da emoção de um debate, em razão da alta polarização dos temas que geralmente são disponibilizados na rede, levando os interlocutores a darem respostas imediatas, sem uma argumentação mais sólida e amadurecida.

O *E-mail*, por sua vez, tende a preservar mais *as características dos gêneros escritos*, desenvolvendo-os, complexificando-os e flexibilizando-os, fatores que o fazem axialmente diferente dos gêneros secundários dos quais deriva. Em síntese, pode-se afirmar, então, que o *Gênero Terciário* – especificamente o *E-mail* e o *Fórum Virtual* –, se calcam respectivamente na dialética da concretude e historicidade da escrita e da espontaneidade e simultaneidade da fala.

3. Conclusão

Para concluir, é preciso dizer que este breve ensaio em torno do Hipertexto como gênero terciário do discurso ainda está em fase de gestação e necessita de análises mais refinadas, a fim de ganhar consistência e se consolidar no cenário dos estudos relativos aos gêneros hoje novamente no centro das discussões na Linguística Textual e na Educação.

Porém, acredito ser de fundamental importância iniciar uma abordagem o quanto antes deste novo espaço de escrita (Hipertexto) que se mostra, no mínimo, diferente das formas tradicionais de produção e compreensão textual/discursiva, tendo em vista a sua penetração inegável na vida e nas práticas culturais e lingüísticas das sociedades contemporâneas.

Assim, cabe também à Ciência da Linguagem contribuir para se conhecer melhor e mais profundamente este que não é mero suporte de produções textuais/discursivas múltiplas e plurais, mas tem se configurado como um gênero de discurso com características próprias e diferenciadas, ainda que enraizadas nas dos gêneros anteriores.